

Gente de PALAVRA

revista n° 33



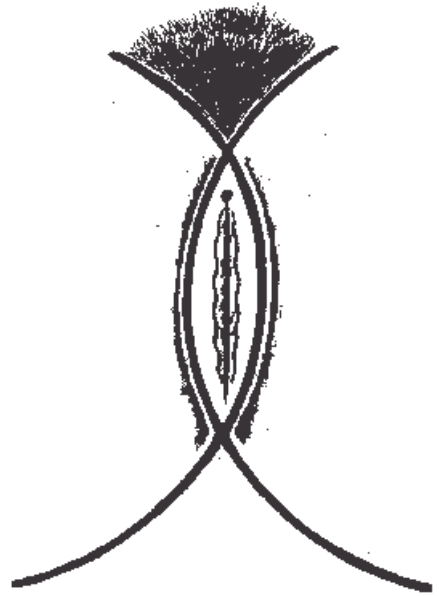
Alé Martins Antonio Cabral Filho Auber Fioravante Júnior Auber Lopes de Almeida (Filho) Auriel Filho Benette Bacellar
Bernadete Sáidelles Carlos Alberto Dias Carmen Sílvia Presotto Carlos Drummond de Andrade Cecília Camargo Daniel Brito
Denise Argemi Djalma Filho Douglas Souza Fabiana Leivas Henry Rios Igor Miguel Pereira João Alberto de Faria e Araújo João
Pedro Lioffi Jorge Leite De Siqueira José Carlos Tavares Júlio B. Lauro Neto Lilian Rose M. da Rocha Louise Heine Thomaz
Luciana Chaves Marcos Costa Filho Matusalém Dias de Moura Maurício Goldani Lima Mauro Bartolomeu Nathalia Dumit
Pâmela Melo Paulo Rodrigo Ohar Ramon Samurio D' Vargas Renato de Mattos Motta Ricardo Mainieri Roni Reis Sannio da Rosa
Sergio Renato Bacellar Silvana F. Pereira Sueli de Souza Pinto Tommy Wine & Beer Vinni Corrêa Wesley José Rodrigues Pio

PUTA ou o poder da palavra

Corre pela internet um vídeo onde Gabriela Leite (*São Paulo 22/04/1951, +Rio de Janeiro 10/10/2013) declara preferir a palavra “puta” para autodefinir-se. *“Filha da puta deve ser um nome de orgulho pras filhas da gente (...)se a gente não toma as palavras pelo chifre e assume elas, a gente não muda nada”*. Quando um homem chama sua amante de puta pode ser uma terrível ofensa (ao seu caráter) ou um tremendo elogio (ao seu desempenho sexual) – a palavra é sempre tórrida, nunca algo morno. Por quê? Porque o termo fala do poder feminino.

As prostitutas eram sagradas na Babilônia, sob o nome de *“hetairas”*, eram respeitadíssimas na Grécia, assim como o são as *“geishas”* no Japão. A Bíblia conta a história de Tamar, casada com Er, que era mau aos olhos do Senhor e, por isso, foi morto. Judá, de quem Er era o primogênito, ordenou então a Onã que tomasse Tamar e gerasse a descendência de Er. Ora, com isso a primogenitura passaria ao filho de Tamar e não a Onã que, por isso, ejaculava fora. Furioso, Jeová fulminou Onã. Judá então diz a Tamar que seu outro filho, Selá, era muito novinho para engravidá-la, passando a enrolar a nora. Tamar se disfarça de puta (elas escondiam o rosto na época), deita-se com Judá, que não tinha um cabrito para pagá-la na hora (ela sabia), e pede seu cajado, seu selo e seu cordão como penhor da dívida. Quando ele volta para entregar o cabrito ela não está mais lá, mas meses depois, quando está para ser executada como adúltera, apresenta os penhores como prova da paternidade. *“Mais justa é ela do que eu”*, declara o patriarca.

Puta é o poder da feminilidade em palavra. É a mulher que se faz independente em um mundo masculino pela afirmação de sua própria feminilidade. É o erotismo transformado em meio de vida. Se hoje os hábitos são mais liberais, muito é por conta das putas valentes que enfrentaram os patriarcas mostrando-lhes que sabiam muito bem onde estavam seus cajados.



A puta

Quero conhecer a puta.
A puta da cidade. A única.
A forneceadora.
Na rua de Baixo
onde é proibido passar.
Onde o ar é vidro ardendo
e labaredas torram a língua
de quem disser: Eu quero
a puta
quero a puta quero a puta.

Ela arreganha dentes largos
de longe. Na mata do cabelo
se abre toda, chupante
boca de mina amanteigada
quente. A puta quente.

É preciso crescer
esta noite inteira sem parar
de crescer e querer
a puta que não sabe
o gosto do desejo do menino
o gosto menino
que nem o menino
sabe, e quer saber, querendo a puta.

Sete línguas mais tarde

Sete línguas mais tarde,
meu corpo ardia ainda em metáforas absurdas.
Fora preciso uma pá de barro frio de quase cal
a destroçar meus poros em fervente abertura.
A fim de emudecer os verbos não-ditos
que estalavam crus,
ao fim dos cantos em um corpo tatuado em desejo.
O gozo me desceu de véspera
anarquizando, sem teorias, as vulvas-verso-cinzas
que a tua língua arrastava pra dentro de mim
me preenchendo, fazendo forma o meu ato de cindir.
No fim daquela noite,
restou-me só um cinzeiro vazio.
Memória pseudoafetiva de cigarro algum,
marca cinza em tragos que ainda pairam.
Vagarosidade necessária de ejacular canções
em línguas outras.

Lauro Neto

Paredes

De joelhos perante o chão
Das paredes até o centro de minha mão
De palavras vazias sem atenção
Até a alma que resguarda minha contenção

Entre os dedos de minha mão
Eu vejo contra a minha própria face
Que além de mim
Não existe mais ninguém

Porque dos joelhos contra o chão
Não se pode ver nada além de uma mão
E eu me prendo sobre mim
Entre os dedos de minha mão

As sombras exalam a dimensão
De um castigo próprio em ascensão
Que seja feito verdade
Entre as sobras de meu chão

Ramon Samurio D' Vargas

Anoiteceu...

Flores brancas
ainda mais alvas,
perfume outonal.

Lábios
vestindo batom
escarlate,
o vestido de onça,
a seda violeta
vela os seios.

Sinto tua boca
por falsos etéreos;
as mãos, como poesia,
desnadam cada letra,
cada hemisfério,
cada gota do mar
em gotas.

Do ventre, a canção instiga,
navega, sussurra... Êxtase!

Auber Fioravante Júnior
auberjunior1962@gmail.com
Porto Alegre – RS



deixou-o com seu cheiro
a blusa aberta revelando o seio
a música que os embalou inteiros
o bom dia brisa da manhã
o prazer de cada beijo evitado
o gozo várias vezes adiado

restou o poema
fogo fuga paixão solidão

a voz tem asas perdida na madrugada

foi vingança
deixou-o com o pau na mão

Benette Bacellar

Contato

Tua boca tem umidades que desejo,
toneladas de carinho e guarda...
tua língua, um polvo
que me devora bem devagarinho.
Tua boca é o sol na alvorada,
um cata-vento de madrugada,
incêndio d'água mais flamante.
Tua boca me põe um frio incandescente.
Tua boca, ai, devagar e tão de repente.
Tua língua na minha boca, um açoite,
faz da minha a louca da noite.

Sueli de Souza Pinto

União da Vitória – PR



Marés

a língua
a água do mar
e a mulher

ondulam

de início
numa maré calma

após
no ímpeto
de um tsunami

de amor.

Ricardo Mainieri

Noite toda

mentes em transe
algemas de cristal
colisão de dentes
lábios sugando
línguas
línguas penetrando
lábios
corpos sobre corpos
cheiro
dormimos, agora,
dormimos
encaixados a noite toda

Paulo Rodrigo Ohar

Imagem

Rola em meus dedos
E eu acendo
Vejo os teus seios em relevo
Cresce o dormiente gigante
Lambo a tua a virilha num instante
Não vou me fazer de rogado
Se me deres o teu rabo
Vou te enfiar a minha pica
Gema se isso te excita
Teus olhos revoltos no chão
Adornam o meu fungoso colchão
Se paro de te ordenar
Não paro de te ordenar
Sou só
Me masturbo com tua imagem
que esqueceste aqui
Voltes se queres que eu diga
que não me deixas dormir

Sannio da Rosa

Turbilhão

Como dizer não a esse fogo que queima
Quando o que quero é conceder-me
Em um momento fugaz

O beijo que me roubas
É o início da tortura
De dizer não

A esse turbilhão que atordoa
Estonteante explosão que dilacera
quando teu corpo pede o meu

Denise Argemi

Beso

*"Boca...
no milímetro que nos separa
cabem todos os abismos."
Drummond*

Beijo qual pelejo
O beijo que em teus lábios vejo
Beijo, há muito te desejo
Beijo porque pelejo...

Beijo que não me cabe o pejo
Tua boca à minha o que tanto
[almejo

Beijo porque pelejo
Su beso en me no reflejo...

Beijas outro e eu invejo
O Beijo pecador, sujo e sobejo
Pelejo ainda por esse Beijo...

E a beijo pois... no azulejo
Atiro-me um dia: Tietê,
[Amazonas, Tejo
Beijo: porque pelejo...?

Roni Reis
roni.reis@gmail.com

Noite de encantos

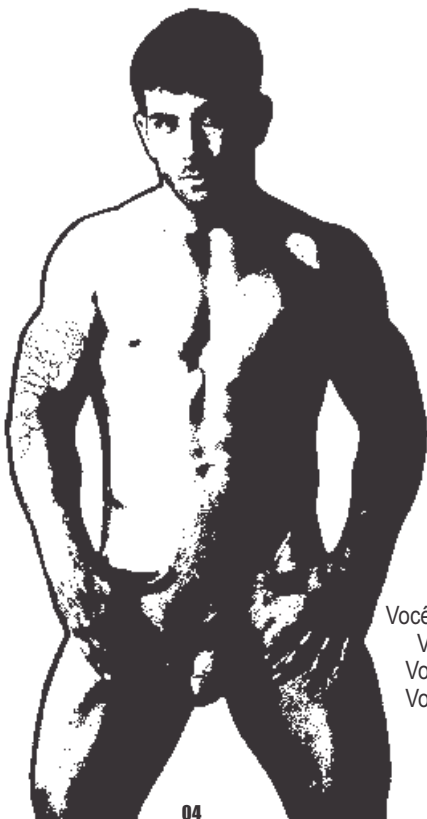
Foi uma noite de ternos encantos;
juntas numa só, nossas vidas
fundiram-se em carinhos tantos,
colorindo as emoções contidas!

Ao longo de beijos, não sei quantos,
palavras em sussurros foram ditas
e o amor, jorrando por baixo dos mantos,
envolvia nossos corpos em frenesis, repetidas!

E foi tanto o amor que jorrou,
entre sons tantas vezes, quase gritos,
explosão feliz que meu ser registrou,

das falas e dos êxtases sentidos,
de todos os tempos quando mais amou,
na lembrança, os momentos vividos!

Marcos Costa Filho



Tua língua me traduz
Eu te esperanto
Teu tato me deduz
Eu nem tanto

Você me transborda, eu te inundo
Você me engole, eu vou fundo
Você me devora, eu te alimento
Você não resiste,
eu nem tento

Mauro Bartolomeu
AntennaParanoica.blogspot.com.br

Vamos por partes

Adoro boceta
dois pares de lábios
um grilo-botão
úmida profundidade

amo uma boca
sugante
lambente
beicinho língua saliva
e cuidadosos dentes

apertado
quente
premido entre nádegas
circunmancias
um cu oculta
prazeres cúmulos

e tem os seios
as tetinhas duplas
fófas doces macias
convite sacana
pra fazer bobagem

até um sovaco
que parece inocente
se bem trabalhado
se torna totalmente
indecente

mas a perfeita trepada
é juntar isso tudo
em forma e conteúdo
da mulher amada

Renato de Mattos Motta

Haiku VIII

Imagina menina
Vou pintar um Guernica seminal
Nas paredes da tua vagina.

Tommy Wine & Beer

Eu sou o teu amor

Vivo dentro do teu abraço
Eu sou o gosto que encharca a tua boca
E os sorrisos dos teus olhos de espuma do mar
Eu sou a firmeza dos teus passos
Eu sou tudo em ti, o teu rosto
Eu sou o teu arrepio, o teu gemido, o prolongamento dos teus dedos
Eu sou o teu desejo atendido
Antes de desejar
Eu sou o teu alimento, a tua calma, a tua asma, a tua alma
Eu sou o teu retrato, o teu mapa, o teu tempo
Com todos os atrasos
Eu sou a melhor desculpa, a preguiça, o escudo, o calendário
Eu sou tudo
Ao contrário.

Louise Heine Thomaz
Louheine@gmail.com



Promessa

Quero
flor

Não juro
amor

Nem evito
dor

Do corpo,
o que for

Só prometo
o calor.

Pâmela Melo

<https://facebook.com/pamela.freiremelo>

Madrugada

Na cama
parecia
cansada
coitada

Nos lençóis
bagunçados
suada
estava

Mas ela
sorriso
no rosto
pensava

Como
é bom
fazer amor
na madrugada.



Silvana F. Pereira
<http://poesign.blogspot.com.br/>

Ágape

Morrerei mil vezes
se preciso for
apenas para ensinar-te
o que é o amor.

Daquele bem profundo
que nos toca
lá no fundo
que é raro
se ver no mundo
quem queira e possa
dele ser exemplo.

Daquele que à Alma
queima e consome
como se tivesse
uma eterna fome
de um intenso sentimento
matando a todo momento
o espírito daquele
que ousa amar.

SRB - 04/2008

Sergio Renato Bacellar
Mutatis Mutandis

Duo

Todo relacionamento afetivo
Baseado somente em desejo e sexo
Perde no tempo o rumo e o nexo
Envolve a ambos num mundo lascivo

Sem a presença de amor e carinho
Sem a paixão e o querer estar junto
Sem dividir o pouco e o muito
Fica a certeza de se estar sozinho

A vida a dois é sempre complicada
Não é um jogo de cartas marcadas
Nem há convicções de um bom resultado

Mas é justo este o grande dilema
Estarem bem juntos, sem o problema
De anular-se ou ser anulado

Auber Lopes de Almeida (Filho)

Mas ela

Mas ela caminha bem à vontade com
[passos
curtos e sorriso largo
Mas ela mexe com o imaginário
e o lobo à espreita na rua do lado

Ela sabe que o amor é secundário e
[vem depois da
paixão, se sobreviver... E ela sabe
[muito bem...
O seu corpo fala mais alto na tração
[em atração e ela deixa o
coração barrar a razão, mas às vezes
[ficava indecisa se tirava o sutiã
[ou o livro da mão.

Auriel Filho

La petit mort

Começou com um papo furado
Ele carente, eu indignada
Encontramos gostos e problemas
em comum
E conversando, virei madrugada

Brincamos de falar
"Na cama, o que você gosta?"
E deixamos combinado:
Você me dava uns tapinhas
e eu te arranharia as costas

E como meu coração
nunca foi de ter nexo
de novo cai
na armadilha mais sofisticada
do universo

Acabei sem escolha
Um pouco mais
de um mês depois
sua barba já
me pinicava as coxas

Um caso marginal
e nisso já sou honoris causa
Quanto ao resto
a escrita já não alcança o escopo,
foi poesia feita com o corpo

Nathalia Dumit

Ardor e brasa

Corpo lívido, palpável
Ardente e malicioso
Abrangente, cauteloso

Incandescente, luzente
Grunhidos ao lençol
Amor oprimido, proibido.

Wesley José Rodrigues Pio
wesleykurosaki@gmail.com



O novo sonho começa agora.
Em desejos que não se aguentam nas calças,
em vontades que não se escondem na face.
Começa, porque assim me abasteço
de vida.

E me contorço na cadeira,
e me enroscos em mim mesmo,
de vontade de sentir de novo
o gozo de toda beleza do mundo
num sorriso.

Transpiro um anseio em cada poro,
um ardor que fica difícil de esconder.
... E é nessa ansiedade que padeço,
e me abasteço, porque é assim que eu começo
o sonho.

Júlio B.
julio612@gmail.com

A prostituta

II

Na justa posição entre o excesso e a ausência
Dedicando sua vida a este nobre ofício
Esta trabalhadora pestilencial do Vício
Me estimulava a estudar sua Ciência

Por mais que eu visse apenas desperdício
Buscava a cura da mi'a abstinência
Eu entregava a ela a febre da carência
Ela me dava em troca o mel do benefício

Eu era a vítima principal do Tudo
O esconjuro há séculos banido
A voz pungente que afeta o ouvido
Como a explosão desse teu grito agudo

Eu sou o órfão dos Desconhecidos
Eu faço parte do meu próprio estudo
Nas dobras dela eu me acho e mudo
E mato a Fome em todos os sentidos!

Henry Rios
henryrios2312@hotmail.com



Luto Na Aquarela

Bordô tava desmaiado
passou mal e até caiu
ele fora envenenado
pelo rosa que ele viu
...
Vermelho foi no velório
o amarelo até chorou
gris ficou no escritório
o verde lhe acompanhou
...
O azul caiu em desgraça
o cinza só a chorar
marrom se sentou na praça
nunca mais iria amar
...
O preto ficou de luto
essa cor caía bem
branco tinha usufruto
do cinza que lhe contém
...
Muita reza pro além
nessa hora é bom crer
ave-maria e amém
no ambiente a ferver
...
No céu de braços abertos
São João veio lhe abraçar
com seus traços encobertos
Que bom que vens pra ficar

Bernadete Sáidelles

Medida do amor

todo o seu peso
em cima do meu corpo
me dá a leveza
de estar no topo

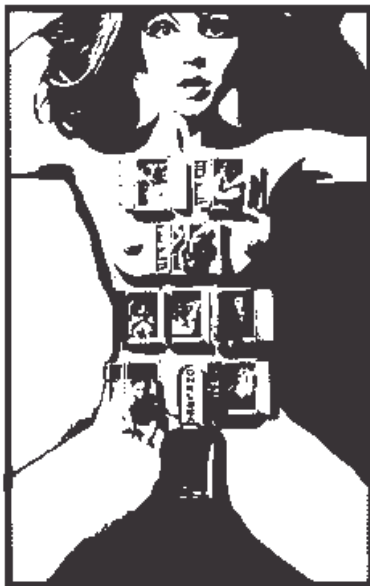
Vinni Corrêa



Por um sorriso teu

Não leves a mal,
a pobreza destes versos meus
que, ontem à noite, escrevi
para, hoje cedo, te ofertar
e ganhar, em recompensa, apenas um sorriso teu.
Compreende-me...
Não tenho grandeza de artista célebre;
sou poeta menor
e pequena, também, é a minha poesia.
Escrevo poemas
porque tu existes em minha vida
e porque quero bendizer esse amor que te tenho
e que me faz feliz;
que me é luz e me é paz; que me é caminho
e me aponta direções a seguir.
Nenhuma importância tem, para mim,
os críticos literários,
os "doutores em artes";
importa-me tão somente saber
que te sentes alegre ao leres
os poemas que te escrevo.

Matusalém Dias de Moura
Vitória – ES



Aldravia

línguas
atrevidas
pronunciam
monossilabos
de
prazer

João Alberto de Faria e Araújo
joaoalbertofaraujo@gmail.com

Sutil (dev)o(ra)ção

desejo

corre suave
fremir poros
despertar odores

toque

a ausência da visão
descobrimo
superfície quase indelével

roçar

lábios
dedos
peles
flores

desabrocham

hora cálida
em sussurro
escorre o pólen

fragrância
hermética
da saciedade

Cecília Camargo

Então, Joaquim

o amor não só me comeu
me mordeu
me mastigou
me bebeu
bochechou e cuspiu

o amor não só me tomou
me engoliu
digeriu minha poesia
tragou minha música
vomitou depois
e sorriu

o amor? o amor...

nem quis saber das contas
dos papéis
dos cartões

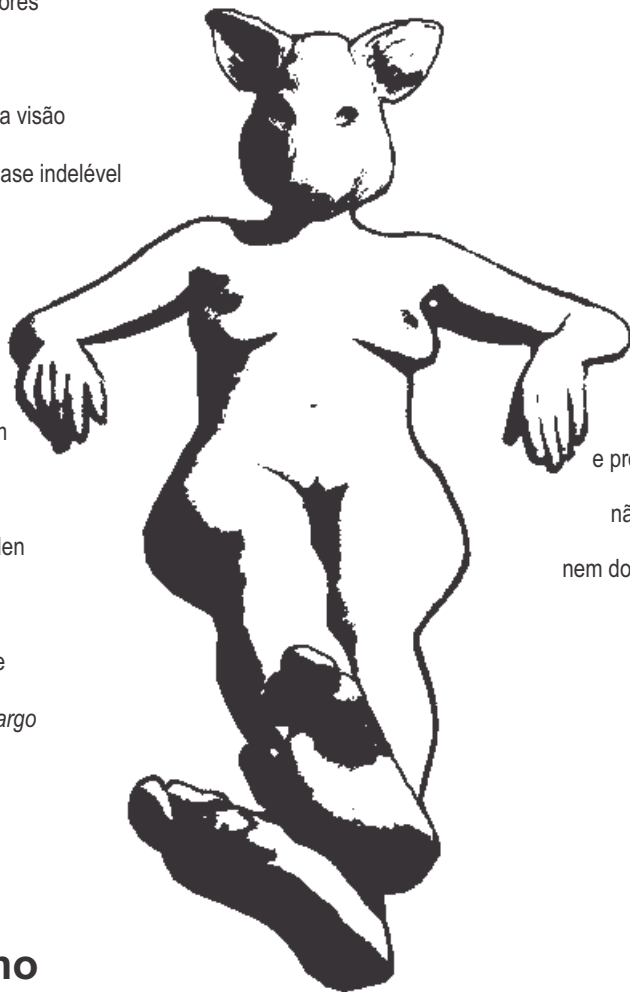
não deu bola pras roupas
pros sapatos
e pros chapéus que me serviram

não lembrou da minha infância
da minha cidade
nem dos dias ainda não anunciados
nas folhinhas

o amor queria a alma

O amor, Joaquim – a mim
quase matou

Luciana Chaves



Abismo

como um incenso você
invade a sala em silêncio
perverte todos os átomos
com teu cheiro tuas fumaças
tua boca abrindo e abrindo
tua boca abrindo e abismo

João Pedro Liossi

Você pelada
é nisso que pensava
quando cai da escada

Maurício Goldani Lima
mauriciogoldani@yahoo.com.br

Último canto

Eu andava só pela cidade
Absorto em algum pensamento
Quando por simples curiosidade
Algo me fez parar por um momento.

O fato comoveu o meu coração
Frágil... Presa da forte emoção
Causando-me sério constrangimento.

Vi um pássaro, um pardalzinho,
Num gesto de insano amor
Demonstrar-me o seu sofrimento.

Num fúnebre e último canto,
Vi o pássaro derramar seu pranto,
Pranto de seu eterno padecimento.

Em meu corpo, um estranho arrepio,
Levantei o olhar e percebi o fio,
Palco da trágica execução:

A morte estava agora esclarecida,
Outra história de amor fora rompida;
Rompida pela triste separação.

O pardalzinho perdera ali a sua vida
Vendo morta a sua amada querida,
Vítima de um desses fios de alta tensão.

José Carlos Tavares

É pena

É pena que o amor divida seu tempo
Com outros sentimentos.

Alê Martins

Bacante

Tua mão
Trêmula
Insinua
Desejos
Insaciáveis...
Ávidos
Espasmos
De prazeres
Delirantes.
Em noites
Intermináveis
De gemidos
E arrepios
Sem fim.
A cada
Contração tua
Relaxo
E me delicio
Como uma "bacante"
No cio.

Lilian Rose M.da Rocha
lilian24@terra.com.br



Leitura corporal

Ler você
Me dá gosto.
Te leio da preliminar
Até o gozo.

Daniel Brito

<http://www.zineprotestizando.blogspot.com.br/>

Soneto do barulhinho teu

Vento em fresta é melodia
Passarinho, assobio e clarineta
Fazem música todo dia
Nossa canção é mais discreta

Depende menos do acaso e mais
De um jeito de encaixe e gozo
E outros artificios tais
Que não digo de tão gostoso

Na composição ruidosa
O silêncio faz sua prosa
Após o derradeiro "Ohh"

Devagar para a troca
O ar passa, você toca
Nosso samba de uma nota só

Igor Miguel Pereira
ideoigor@hotmail.com

Anjo Ridente

Anjo ridente,
Guardião dos abismos da desrazão,
Traz da sombra das nuvens
Os fogos do fogo.

Anjo Ridente,
Protetor das vinhas,
Inebria a mente dos amantes
Com teu vinho incandescente.

Anjo ridente, em flor efígie,
Desvela da fingida dor
O calor dos corpos atraentes.

Anjo ridente,
Mensageiro do amor transcendente,
Anuncia à dama esta paixão nascente.

Carlos Alberto Dias

Ajoelhados

Ajoelhada
mãos juntas
seguram
meu membro.
Sinto
no instinto insano do momento
o momento
chegando.
Sangue fervendo
vem vindo
como cócegas
de dentro para fora
e explode
em sua garganta.
Ajoelhada
agradece
e engole até a última gota
de minúsculos eus.
Ajoelhada
me pede:
– Agora é minha vez!

Ajoelhado
obedeço...

Jorge Leite de Siqueira
jorgedesiqueira@gmail.com

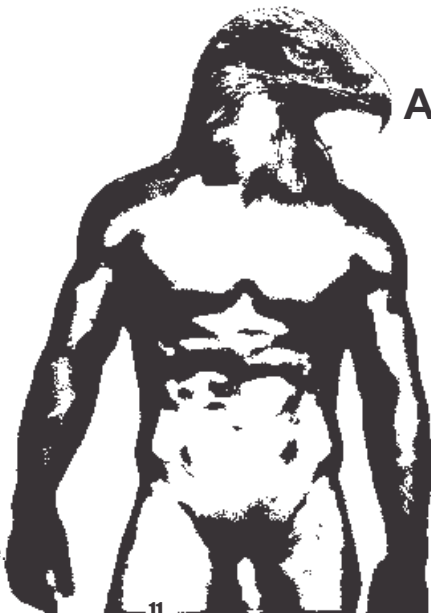
Anoitecendo com Eros...

Desejo mais
uma chance
uma dança
uma seta

um lance,
pra que o nada
escape, pra que
o tempo balance

e teu eu me alcance...

Carmen Silvia Presotto
Vidrâguas



Hiato

momento
cujo cisco
 (dentro)
desvia,
falha fagulha
 vaga
 lume,
unhada na carne do tempo
da mesma memória
neblina.

 fresta caos
entre ponteiros

feito cinza no olho velho
o instante, tremulamente

forja

a conectiva idéia
que no olho cega.

Douglas Souza

O quarto beijo

após o primeiro beijo,
com algum pudor,
me pediste um segundo

após o segundo beijo,
com menos pudor,
me pediste um terceiro

após o terceiro beijo,
sem pudor algum,
quiseste o meu gosto

– aí, me engoliste!...

Djalma Filho

Azulejo

eu estava ali
entre você e a parede de azulejos
 não era a primeira vez
mas cada momento que você me penetrava
era como se fosse único, último, sublime

eu, você e a parede de azulejos
 de pé
 na sua cozinha
você me comendo por trás
e eu já nem pensava mais
o azulejo que se tivesse boca eu beijava
 ficou grudado em mim
 como o teu cheiro
 teu gosto
 teu sêmen

eu derretia
e nem a parede era fria
incendiamos o apartamento
você me possuindo por trás
no calor, com força e talvez algum amor

não quero saber de amanhã
enquanto eu olhar nos
[teus olhos e ainda me ver
enquanto o desejo
com ou sem azulejo
não desaparecer

Fabiana Leivas
fabileivass@gmail.com



Militância

Os meus sonhos de 68
Acabaram em 69
Nas areias de Ipanema
Com uma loura bem suada...

Antonio Cabral Filho
Rio de Janeiro - RJ
letrastaquarenses@yahoo.com.br



Editado e impresso em Porto Alegre por Gente de Palavra Microeditora
www.gentedepalavra.com.br
gentedepalavra@hotmail.com

Esta edição: 100 exemplares
Revisão: Michelle Hernandez
Redação, projeto gráfico e diagramação: Renato de Mattos Motta

Conselho Editorial:
Diego Petrarca e Erivoneide Barros
Conselheira especial para Língua Espanhola: Lota Moncada

Porto Alegre, junho de 2015.